

EXPERIMENTAÇÕES COM IMAGENS NA DICOTOMIA RURAL/ URBANA DO ENSINO DE GEOGRAFIA

Carina Merheb de Azevedo Souza

camerheb@gmail.com¹

Resumo

Essa escrita faz parte da minha pesquisa de doutorado, defendida no mês de agosto de 2018, e se centraliza em experimentações com imagens produzidas dentro de práticas educativas desenvolvidas por mim em uma das minhas práticas como professora de Geografia da Educação Básica em uma escola da rede privada na cidade de Campinas – SP. Trata-se de uma reflexão sobre imagens realizadas pelos estudantes, a partir de propostas de experimentação de outros tipos de imagens no ensino de um tema que compõe a vulgata do ensino de geografia: as relações entre rural-urbano, entre cidade-campo. Essas propostas de contato e produção de outras imagens tiveram como objetivo ultrapassar as fronteiras do currículo habitual, descobrindo potências menores na educação. A tese foi escrita em duas grandes partes. A primeira delas concentrou-se no conjunto de fotografias utilizado pelos livros didáticos de Geografia que dicotomizam as relações entre campo e cidade. Nessa parte, apontou-se que, dentro do âmbito da geografia escolar, os livros didáticos estabelecem dicotomias entre alguns dos conceitos abordados, fazendo deles pares a serem estudados/aprendidos como uma polaridade, tais como: desenvolvido/subdesenvolvido; centro/periferia; rico/pobre e rural/urbano (tema desta pesquisa). O principal incômodo com essas dicotomias é que elas geram elementos formadores fixos para os estudantes. Quando esses conceitos tomam formas visuais impressas, como as imagens e fotografias dos materiais didáticos, elas funcionam quase que exclusivamente como provas ou exemplos do que se afirma no texto escrito que as antecede, sucede ou legenda. Dessa forma, essas imagens participam da criação dessas dicotomias, raramente provocando desvios nelas. Tendo em vista que esses conceitos dicotômicos acerca do rural e do urbano impossibilitam a compreensão da complexidade do espaço geográfico, não o considerando como aberto, contínuo e em movimento, as experimentações com imagens que configuraram a segunda parte da tese utilizaram fotografias e imagens que não estão nos livros didáticos, sendo principalmente obras de fotógrafos e artistas. A segunda parte é sobre as experimentações que visaram realizar uma nova maneira de lidar tanto com os conceitos geográficos de rural-urbano, campo-cidade, quando com as próprias imagens visuais em contexto escolar, criando e testando outros modos de entrar em contato com o conteúdo da geografia e do espaço. De maneira mais geral, essas experimentações buscam permitir uma outra educação visual, usando outras imagens como combates aos pensamentos fixos já estabelecidos, inclusive na própria professora-pesquisadora, tendo como objetivo reimaginar o

¹ Professora de Geografia da Educação Básica na Prefeitura Municipal de Paulínia – SP; Esse trabalho é fruto de uma pesquisa de doutorado, na Faculdade de Educação/ Unicamp, realizada entre os anos de 2013 e 2017, e defendida em 2018.



espaço e suas classificações, bem como reimaginar as imagens que participam dos contextos de escolarização em geografia.

Palavras-chave: Fotografia, Vulgata, Espaço.

Introdução

O foco da minha pesquisa de doutorado foi centralizado no conjunto de fotografias utilizado pelos livros didáticos, e que se reproduz nas escolas e nos currículos, quando abordam a dicotomia entre campo e cidade.

Notou-se que as imagens que são utilizadas para o conceito nessa divisão são frágeis, na medida em que elas não conseguem dar conta das múltiplas dimensões do espaço contemporâneo, pois os textos e imagens voltados à escola focam em informações e conceitos que buscam dizer como o espaço é; e não em situações que poderiam apontar para onde o espaço entra em devir.

Os novos modos de construções e vivências nas cidades de médio e grande porte têm colocado essa divisão entre o que é rural e urbano de forma cada vez mais tensionada, pois os traços rurais estão no meio urbano, e vice-versa. Podemos perceber isso notadamente nas invasões dos condomínios fechados luxuosos às áreas periféricas dessas cidades, com características que se mesclam entre si – como exemplo nas ruas asfaltadas e construções em áreas que anteriormente eram ocupadas por atividades agropecuárias e pastos. Nos centros urbanos há também a presença de traços ditos “rurais”, como hortas e criação de animais.

Buscou-se experimentar outras formas de se pensar o espaço, além da imagem figurativa construída, onde o rural e o urbano insistem em surgir como dois espaços independentes e divididos dentro das cidades.

Ao deslocar essas imagens dos sentidos habituais dicotômicos para outras formas que vão além desse vínculo espacial, apostamos que elas assumem potências expressivas que levem esse modo de pensar o espaço para uma nova relação.

Tomo como exemplo a classificação das áreas rurais categorizadas nas imagens dos livros de Geografia para ilustrar como essa dicotomia é comumente abordada: o mundo rural é apresentado com ilustrações que se limitam ao gado bovino, áreas verdes, tratores, vazios demográficos e áreas agrícolas. As áreas urbanas, por sua vez, representadas com prédios altos, ruas asfaltadas, concentração populacional e violência urbana.

Ou seja, as imagens que são utilizadas para o conceito nessa divisão são frágeis, na medida em que elas não conseguem dar conta das múltiplas dimensões do espaço contemporâneo, pois os textos e imagens voltados à escola focam em informações e conceitos que buscam dizer como o espaço é; e não em situações que poderiam apontar para onde o espaço entra em devir.

Buscou-se experimentar outras formas de se pensar o espaço, além da imagem figurativa construída, onde o rural e o urbano insistem em surgir como dois espaços independentes e divididos dentro das cidades.

Ao deslocar essas imagens dos sentidos habituais dicotômicos para outras formas que vão além desse vínculo espacial, apostamos que elas assumem potências expressivas que levem esse modo de pensar o espaço para uma nova relação.

Ao observar as minhas experiências como professora de Geografia, notei que as imagens e os textos aprisionam o pensamento espacial dos alunos; e esse foi um dos incômodos que me levaram a pensar em outras formas de lidar nas minhas práticas educativas.

A proposta foi a de refletir a Educação a partir de experimentações com imagens que possibilitem analisar o espaço rural/urbano de outra forma: sem ser a dicotomizada, possibilitando assim maior abertura de novos conhecimentos e práticas educativas a partir de potências menores.

O livro didático e suas fotografias

O livro didático possui uma função centralizadora na sala de aula, como há muito tempo vem sendo utilizado nas escolas, assumindo grande importância dentro da prática de ensino, onde segundo Lajolo (1996) “a precaríssima situação educacional faz com que ele acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, de forma decisiva o que se ensina e como se ensina”.

Se o livro ocupa essa posição de destaque dentro das salas de aula, e a grande maioria dos professores o adere como ferramenta imprescindível ao seu trabalho, é de essencial importância que analisemos o seu conteúdo – e no caso desta pesquisa – que nos atentemos às formas imagéticas dos assuntos geográficos abordados (mais especificamente o rural e o urbano) e como as fotografias que tratam desse assunto afetam a educação espacial dos alunos acerca da dicotomia estabelecida.



Muitos pesquisadores da área educacional já realizaram inúmeros trabalhos ao tentar abordar qual é a eficiência/ineficiência dos livros didáticos de Geografia, destacando a sua importância e a dependência dos professores para com eles a partir da má formação dos mesmos no Ensino Superior:

[...] percebe-se já algum tempo a necessidade de reformulação dos cursos de formação docente, com relação de uma abertura sobre o debate do uso do livro didático em sala de aula. Quando recém- formado chega à escola sua primeira impressão é um choque de realidade, que podem trazer efeitos bons ou maus para a vida profissional, e é nesse momento que a maioria deles encontra nos livros didáticos uma verdadeira muleta, que irá auxiliá-lo e direcionar o seu trabalho pelo resto da vida [...]. (OLIVEIRA, 2014, p.05)

Apesar de todas as críticas e polêmicas acerca do uso do livro didático e da sua influência na cultura escolar, as condições de trabalho dos professores (com duplas ou triplas jornadas) é que fazem do livro a solução provisória de alguns problemas: com pouco tempo para preparar as aulas e diante de sua formação, na qual a Geografia acadêmica muitas vezes não se aproxima da Geografia escolar², o livro assume grande importância determinando o que ensinar (conteúdo) e como ensinar (estratégias e métodos).

Sendo a fotografia um dos objetos de análise desta pesquisa, vale ressaltar a sua importância – como recurso didático utilizado pelos professores – oferece vários facilitadores: objeto de leitura e interpretação na formação de conceitos e, principalmente, na sua materialização. Há também um caráter atrativo na sua função, pois ela permite cortar a leitura do texto e distrair o leitor a partir da ideia de continuidade através da palavra (HOLLMAN, 2013), ou também como elucidação – com tabelas, desenhos científicos, como comentário dos desenhos que dialogam com o conteúdo do texto; e como documento – privilégio para as fotografias. (BELMIRO, 2000).

No mundo contemporâneo, as imagens possuem um papel determinante e essencial na transmissão de informações e conhecimentos. Seja nos livros didáticos ou nos meios de comunicação, elas estão presentes como divulgação da “representação” daquilo que se quer

² Segundo Cavalcanti (2008), a geografia escolar não se identifica com a geografia acadêmica. Embora sejam duas estruturas de um mesmo campo científico que guardam essa estreita relação entre si, essa relação não é de identidade.

falar, dizer ou mostrar, ou como Oliveira Jr. (2009) propõe, fazem parte integrante de um banco de imagens que nos utilizamos para mover-nos no mundo, para pensá-lo.

Como então enfrentar as imagens no meio escolarizado quando elas não têm mais o mesmo sentido, já que foram atropeladas por inovações tecnológicas que ultrapassam a forma educativa de lidar com elas?

Como essa pesquisa fundamentou-se prioritariamente nas fotografias acerca do rural e urbano, essas foram mais focadas do que as demais imagens.

A justificativa para a escolha da fotografia como objeto de estudo dessa pesquisa teve quatro motivos. A saber; em primeiro lugar: participam da construção do pensamento dicotômico quando lidam com o assunto, contrapondo-se um ao outro; constroem clichês sobre os assuntos a serem abordados – e esse foi um dos combates que essa pesquisa se propôs a fazer (proliferar outros tipos de análises e pensamentos espaciais). Em segundo, o assunto desta pesquisa (rural e urbano) trata desse tema imagetivamente: a fotografia lida com o enfrentamento no mesmo plano, ou seja, o rural e o urbano aparecem nos livros didáticos como fotografias, mais do que outros tipos de imagens que lidam com a geografia escolar (mapas, gráficos e tabelas). Em terceiro, exerce como prova documental o argumento da veracidade daquilo que está se querendo dizer. E, por último, entende-se que há distinções entre as dicotomias entre os conceitos de rural X urbano e campo X cidade, a saber – na primeira dicotomiza-se, notadamente, duas formas paisagísticas e na segunda a dicotomia se faz, digamos, entre configurações socioespaciais. No caso desta pesquisa, optou-se pelos termos rural e urbano, pois os mesmo se apresentam como paisagens na fotografia. No entanto, como essas dicotomias também apresentam muitos elementos comuns em sua constituição, em certos momentos utilizamos também os termos cidade e campo, os quais devem ser entendidos nas proximidades das teorias acerca das imagens e, portanto, com estreitas relações com a ideia de paisagem.

Hollman & Lois (2015, p.64) comparam e estabelecem uma relação entre a finalidade da música e da geografia como disciplinas escolares: “*se ensinar música é ensinar a escutar (marcando a clara diferença entre escutar e o ato natural de ouvir), então ensinar geografia é ensinar a observar*”.

Dessa forma, podemos entender que a geografia escolar, mais do que outras disciplinas, “entra pelos olhos”, como a música “entra pelos ouvidos”. O destaque que as fotografias



ocupam nos livros didáticos de geografia, assumiu a preocupação dessa pesquisa, que foi a de se refletir sobre:

Como essas fotografias estão entrando pelos olhos?

Como essas representações modificam ou não a compreensão espacial?

Quais as possíveis alterações que se pode fazer através delas e como elas atuariam no processo pedagógico?

No caso desta pesquisa – o assunto rural e urbano – as suas representações são nitidamente caracterizadas por fotografias que há muito tempo fazem parte desse imaginário, mesmo que esses dois espaços já não estejam mais tão claramente separados e dicotomizados tal qual nos é apresentado. A partir do momento que as antigas áreas rurais foram tomadas por aspectos urbanos, como moradias de condomínios fechados, asfaltamento de ruas, instalação de energia elétrica, entre outras características, essas representações não mais se sustentam. A mesma situação também pode ser pensada a partir do meio urbano: se as hortas são marcas definidoras de aspectos rurais (produção agropecuária dos livros didáticos), como é possível então induzir e definir aos leitores que esse tipo de atividade só possa estar presente nos ambientes rurais?

Foram essas indagações e representatividades que sustentaram a pesquisa e que serão abordadas a seguir.

A construção da dicotomia na Geografia

Na geografia acadêmica, há uma divisão que demarca e divide as disciplinas que são oferecidas na graduação: física/humana, que se subdividem e não dialogam entre si.

As relações espaciais são tratadas separadamente, e as imagens que ilustram esses temas acabam por trazer dualidades entre os assuntos, muitas vezes esquecendo o que há no “entre”, na borda, na periferia, transformando esses espaços em invisibilidades políticas e sociais.

Essa prática estende-se também na geografia escolar quando os capítulos dos livros didáticos são divididos em estudos fragmentados de continentes, regiões, geografia política, aspectos naturais, relevo, hidrografia, vegetação, etc.

Além dessa característica numérica expressiva de fragmentações de capítulos, a Geografia escolar trata do território apontando quase sempre situações antagônicas, de bipolaridade, tomando-o como identificação:

Nesses discursos imagéticos, o território é visto como lugar de habitação, como o primeiro marcador de identificação. Concomitantemente, o território funciona para o significado como lugar e prisão. É lugar no sentido de produção, e prisão por fabricar saberes estáveis, posto que os significados ali produzidos são cristalizados e perpétuos. (TONINI, 2003, p.37).

Essa construção da divisão do mundo de maneira bipolar produz significados desiguais, com a produção de identidades territoriais através de simbologias fixas. Assim, acabam gerando imageticamente uma verdade com significados seguindo uma ordem que, nos espaços escolares, tornam-se elementos formadores de sentidos sobre os lugares.

Oliveira Jr. também identifica essas expressões classificatórias, de modo que o surgimento da palavra “em desenvolvimento” ao considerar que países como Brasil, China, Rússia e Índia são colocados na condição de ajustar-se ao modelo já pronto para vir a ser como tal: “Esta seria uma maneira de forçar a diferença e adaptar-se à identidade. Forçar o presente heterogêneo e tornar-se um futuro único”. (OLIVEIRA Jr, 2016, s/p.).

Dessa maneira, podemos entender que as forças políticas de identificação territorial são processos sociais que determinam, além do que é ou não desenvolvimento, também a forma como devemos olhar para eles.

Os livros didáticos que foram utilizados nessa pesquisa³ (7º ano do EF II) abordam a temática do urbano e do rural, numa escala menor, a do Brasil – que dentro dessa situação também define as áreas do Brasil de forma binária: as regiões desenvolvidas são industriais (como as regiões sudeste e sul, por exemplo), e as regiões menos desenvolvidas são definidas como agrárias e rurais (regiões nordeste e norte).

Cito como exemplo o livro “Geografia: espaço e vivência” (ALVES, BOLIGIAN, GARCIA, MARTINEZ, 2015) que divide os capítulos em: Campo e as cidades no Brasil/ região nordeste/ região sudeste/ região sul/ região norte e região centro-oeste.

³ Houve uma coleta de dados em vários livros didáticos de geografia do sétimo ano, e não somente o que foi lido pelos alunos da escola em que foram realizadas as experimentações. O objetivo era fundamentar os argumentos a partir da observação de mais de um livro. No caso desta pesquisa, busquei aqueles que foram escolhidos pelo PNLD de 2014 (época da parte da escrita dessa tese), pois são os que estão em maior veiculação e circulação nas redes de ensino pública e privada do Brasil.



Figura 1. “O campo e as cidades no Brasil”. Acervo pessoal.

Dentro do capítulo “Campo e as cidades no Brasil”, a imagem que compõe a página de abertura identifica o campo e as cidades no Brasil como se o campo não fizesse parte da cidade, uma vez que ele está verbalmente também separado.

É possível separar essas duas áreas, mas consideramos que essa é uma estratégia de pensamento que mais dificulta – ou impede – de pensar o espaço contemporâneo. Usando como exemplo a imagem acima, podemos notar a estratégia fotográfica de separar cidade e campo: a cidade está ao fundo, no horizonte, e o campo no primeiro plano, com linhas bem definidas de onde começa um e termina o outro.

No entanto, na própria foto é possível ver árvores entre os prédios. Isso faz com que na cidade haja atividades rurais? Não necessariamente, pois pode ser arborização urbana. Dessa forma, podemos entender que a dicotomia criada no livro didático não se sustenta como forma de pensar o espaço.

Vulgata imagética

Lestegás (2002) é um dos autores que define a relação que existe entre o conhecimento geográfico científico e o conhecimento geográfico escolar desde a perspectiva do conceito de cultura escolar e do modelo disciplinar. O pesquisador aborda os elementos e as peculiaridades

da geografia como disciplina escolar, assim como a função que se atribui no currículo, adotando a vulgata⁴:

Uma vulgata é um conjunto de conhecimentos ou conteúdos compartilhados pelo professorado e considerados como característicos da disciplina, o que significa que convém eliminar dela tudo que não seja considerado como um saber absolutamente aceito por todos. De maneira que, ainda que o conhecimento geográfico seja o produto dos discursos muito variados e às vezes divergentes, o professor de geografia deve limitar-se a ensinar somente aquilo que aparece como não-discutível. (LESTEGÁS. 2002, p. 175).

Logo, o assunto considerado uma ‘vulgata’ na disciplina de geografia é a singularidade de um conjunto de assuntos que a comunidade científica adota como sendo a base para a compreensão da disciplina – o que é não discutível e amplamente aceito por professores, pesquisadores e estudantes, mesmo que esteja passível de erros.

A dicotomia rural-urbana faz parte dessa vulgata, pois prioriza exclusivamente valores atribuídos, que automaticamente são exibidos em suas imagens.

No entanto, a própria vulgata fotográfica aponta que a relação mais comum da urbanização está associada à verticalização, e não somente à indústria.

Isso é possível de compreender quando analisamos como isso é tratado nos livros didáticos de geografia.

Nota-se que para os autores dos livros didáticos selecionados pelo PNLD, existem alguns temas que são comuns ao tratar a urbanização – ela quase sempre está associada à indústria. A função urbana que os livros didáticos trazem é a de uma situação estabelecida pelo trabalho que a indústria gera dentro das cidades.

Numericamente, o que identifica uma cidade nesses livros são as fotografias de prédios elevados e trânsito de automóveis. Se levarmos em conta que os leitores desses livros são estudantes de cidades brasileiras com diversas composições, esse tipo de classificação possui uma tendência em limitar o que é cidade. Por mais que estejamos inseridos dentro de um contexto global de construções arquitetônicas homogêneas, existem características distintas entre elas, que a educação visual imposta por esses livros não permite ver.

⁴ Toda disciplina escolar conta com quatro ingredientes: uma vulgata, uma série de exercícios-tipo, procedimentos de motivação e um conjunto de práticas de evolução (Lestegás, 2002)



Os combates da pesquisa

As justificativas para o uso de imagens artísticas e não habituais que substituem as imagens dos livros didáticos como experimentações dentro da sala de aula foram duas – como *experimentação*: a potência de experimentar é a possibilidade de dar outros significados, proliferar pensamentos, reinventar novas classificações que antes não estavam postas – no caso dessa pesquisa, é o rompimento com o rural e o urbano a partir de outro caminho, desmontando a cultura e apontando como isso não se sustenta, porque sozinho não dá conta, não se efetiva. E como *imagens artísticas*: apresentaram situações que não estavam veiculadas exclusivamente à leitura de signos. Elas tensionam os significados, incluindo signos que antes não estavam dados. Não se tratou de superar a dicotomia, e sim de lidar com ela, colocando o pensamento espacial em devir, pois a ambivalência rural e urbana não consegue mais se manter como classificação. A fuga da figuração habitual promove desfigurações que possibilitam os pensamentos de criar novas figuras para esta relação, com a re-existência de outras. Circular novas fotografias e novas imagens não apenas como provas documentais da escrita que dicotomizam a relação entre cidade e campo.

A escola e as experimentações

A escola onde a pesquisa foi feita é composta majoritariamente por estudantes de classe média alta, moradores da região na qual se localiza o distrito municipal de Sousas. Trata-se de um bairro que há tempos era considerado “rural”; em primeiro lugar por ser mais afastado da área central e em segundo, por ter entre suas bases econômicas as atividades agropecuárias.

A turma escolhida para realizar as experimentações foi a do sétimo ano do Ensino Fundamental – séries finais, composta de dezesseis alunos. A razão para essa escolha foi a de que o assunto “rural e urbano” é mais nitidamente colocado como conteúdo curricular desse ano de ensino, podendo-se notar facilmente isso nos títulos dos capítulos do livro didático adotado. Na ocasião, o livro utilizado era o da edição do ano de 2013, cujo título é *Geografia espaço e vivência: organização do espaço brasileiro*, da autoria de Levon Boligian, Rogério Martinez, Wanessa Garcia e Andressa Alves (Atual Editora). O livro, dividido em oito unidades e dezoito capítulos, dedica-se, na unidade III, a três capítulos inseridos no contexto rural/urbano.

As experimentações se voltaram justamente a fazer movimentar alguma coisa nesse sentido forte de dicotomia e nos sentidos e possibilidades que se dobram no campo e na cidade, provocando rasuras e estranhamentos que, talvez, levassem os estudantes a colocar em discussão a pertinência da dicotomia, ou mesmo da divisão somente, entre rural e urbano do espaço geográfico.

Defino, portanto, *experimentação* como o ato de exercitar o pensamento para além do clichê, fazendo-o variar, encontrar outros possíveis no encontro mesmo entre o clichê de pensamento rural/urbano e imagens refratárias a ele, forçando – o em devir outro através das (im)possibilidades dele de estabelecer no encontro com as imagens selecionadas para serem intercessoras da atividade educativa com os alunos, as quais buscaram deliberadamente desestabilizar seus hábitos de pensamento.

Nesse sentido, a experimentação dessa pesquisa caminha para ir além das imagens dos livros didáticos e também me coloca a repensar sobre o meu lugar de professora e pesquisadora no ambiente escolar.

Os processos em que se deram tiveram os seguintes momentos:

A primeira situação foi indicar aos alunos que escolhessem palavras que classificassem o que era rural e urbano a partir das suas concepções prévias. Com a lousa da sala dividida, foi solicitado que os alunos escrevessem livremente o que eles considerassem urbano de um lado; e rural do outro.

Em um segundo momento, os alunos tiveram contato com as imagens que visavam desestabilizar o tema, cuja proposta foi a de que eles rasurassem os desenhos e os nomeassem, explicitando que a ideia de rasura buscava que eles não se limitassem a reproduzir em desenhos as imagens que escolhessem. Cada estudante escolheu a que mais lhe agradou, após ter mirado aleatoriamente o conjunto das imagens. Essas imagens eram obras de artistas que foram escolhidos e selecionados por pesquisadores e estudantes do grupo OLHO, da Faculdade de Educação/ Unicamp. Selecionei apenas um dos trabalhos que foram realizados, para que de forma sucinta, seja esclarecida a análise e a metodologia utilizada:

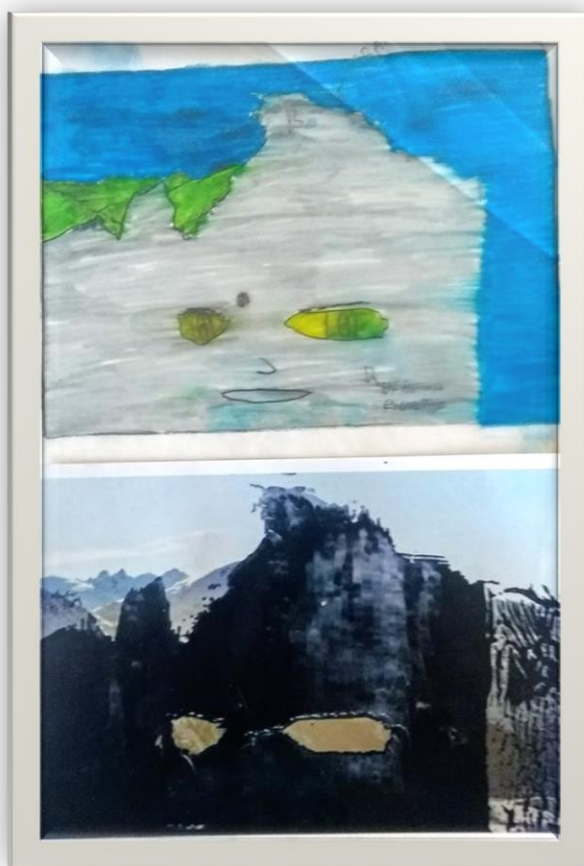


Figura 2. Urbana esculpida

A imagem faz parte do acervo da coleção de Gerard Richter, intitulada “Rural Landscapes”.

Nessa imagem, o aluno desconstruiu a figura transformando-a em outra interpretação: a paisagem se transformou em observadora, ganhando feições humanas como olhos, boca e nariz. O aluno argumentou que ao invés de observar o cenário, fez com que o mesmo se transformasse em observador, invertendo os papéis e funções do próprio conceito de paisagem ecoado nos livros didáticos – conjunto de elementos que a visão alcança. Em uma de suas respostas, disse que preferia a paisagem assistir ao cenário que a experimentação lhe propôs, como se isso o pudesse isentá-lo de refletir sobre o tema, dando à imagem a sua função de aluno ou à imagem – paisagem a potência de observar.

O primeiro passo de desvio que esse aluno provocou foi o de interferir na imagem, adicionando elementos a ela e mudando a função do que vem a ser definido como observar, e também ao modo de pensar sobre a espacialidade.

Os desenhos que tiveram como imagens originais as obras fotográficas de Gerard Richter, foram os únicos que não apresentaram o decalque como estratégia. De todas as obras utilizadas na experimentação, essas foram as que menos mostraram elementos figurativos ou buscaram representar algo específico em sua forma, e é justamente aí que pudemos entender a arte como potência criadora de outros pensamentos para além do percurso representacional.

Os desenhos criados além de não serem decalques colocam a própria imagem em devir, como por exemplo, a montanha que ganha feições humanas.

Considerações finais

A proposta destas experimentações curriculares foi fazer da representatividade/representatividade do espaço geográfico uma questão e sair do lugar fixo e imóvel da representação mapeada ou mapeável para outras miradas, exercendo habilidades que sejam potentes e agenciadoras de caminhos abertos ao encontro do espaço como eventualidade, como esfera da heterogeneidade e da multiplicidade, como algo não representável, assumindo as proposições que Doreen Massey (2009) nos faz. A experimentação nesta pesquisa é um encontro de outros possíveis modos de pensar-habitar esse problema; tomando a linguagem fotográfica com intercessora no combate com o rural-urbano dicotomizado pelos livros didáticos.

Esse foi o produto de uma escrita de professora – pesquisadora.

Elejo a escola como meu chão de fábrica, como o espaço onde pude, a duras penas, criar o meu pensamento, onde pude experimentar rasurar o clichê curricular que atravessava e atravessa práticas escolares e corpos discentes e docentes, o meu aí incluído. Essa criação foi possível, pois foi o meu próprio ato de pensar nas imagens e nas suas potências que surgiu nesse resultado.

Referências bibliográficas



BELMIRO, Celia Abicalli. **A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de Português**. Educação & Sociedade, ano XXI, n. 72, Agosto, 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana/cotidiana**. Campinas: Papirus, 2008

LAJOLO, Marisa. **Livro Didático: um (quase) manual de usuário**. Em Aberto, Brasília, ano 16, n.69, jan./mar. 1996.

HOLLMAN, Verónica. **Enseñar a mirar lo (in) visible a los ojos: la instrucción visual em la geografia escolar argentina (1880 – 2006)**. Lois C. y Hollman V (coord) Geografía y cultura visual: los usos de las imágenes en las reflexiones sobre el espacio, 2013.

_____, Verónica. LOIS, Carla. **Geo-grafías: Imágenes e instrucción visual en la geografia escolar**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2015.

LESTEGÁS, Francisco Rodriguez. **Concebir La geografia escolar desde uma nueva perspectiva: uma disciplina AL servicio de La cultura escolar**. Boletín de la A.G.E. , n. 33, p. 173-186, 2002.

LEVON BOLIGIAN... [et al]. **Geografia espaço e vivência: organização do espaço brasileiro**, 7º ano, 5ª edição. São Paulo: Atual, 2013.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

OLIVEIRA, João Paulo Teixeira. **A eficiência e/ou ineficiência do livro didático no processo de ensino-aprendizagem**, 2014. Disponível em: www.anpae.org.br/IBEROAMERICANOIV/GT4/GT4/JoaoPauloTeixeiraOliveiraGT4integral.pdf. Acesso em 22/02/2016

OLIVEIRA Jr, Wenceslao. **Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores**. Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 17-28, set./dez. 2009

_____. **Desirei desenvolver – desadaptando o futuro do presente. ClimaCom Cultura Científica – Pesquisa, jornalismo e arte. I**. Campinas, Ano 02 – vol . 02. Disponível em: climacom.mudancasclimaticas.net.br/dossiê/n02/dossiê.pdf. Acesso em: 14 de Abril de 2019.

TONINI, Ivaine Maria. **Imagens nos livros didáticos de Geografia: seus ensinamentos, sua pedagogia**. Mercator: Revista de Geografia da UFC, n.04, ano 02, 2003